

MASCULINIDADE E (CIS)HETERONORMATIVIDADE NA FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: O ENSINO DA DANÇA NA ESCOLA

Igor Henrique da Costa¹
Marco Antonio Torres²

INTRODUÇÃO

Na dança, as representações de gênero e suas manifestações estéticas (Butler, 2017; Andreoli, 2010; Marani, 2022) constituem um campo fértil para a construção e a (re)produção de identidades masculinas e femininas. A relação entre dança, gênero e masculinidade é marcada por tensões socioculturais persistentes (Stinson, 1998; Andreoli, 2010), que se refletem no campo da Educação Física, tanto nos processos de formação inicial quanto nas práticas pedagógicas cotidianas (Marani, 2022).

Influenciada por uma cultura binária e heteronormativa do contexto escolar brasileiro (Araujo Filho; Teixeira; Araújo, 2021), a Educação Física tem historicamente (re)produzindo estereótipos que delimitam papéis de masculinidade e feminilidade (Louro, 1997; 1999), muitas vezes vinculados a lógicas excludentes e disciplinadoras, como as de matriz militarista (Souza Júnior; Galvão, 2005).

Segundo Stinson (1995), é comum que os homens iniciem sua experiência com a dança apenas na adolescência ou na fase adulta, quando já possuem maior definição de identidade social, ao passo que as mulheres são incentivadas desde a infância. No Brasil, essa assimetria é acentuada pela centralidade do futebol na construção da masculinidade (De León, 2011), o que contribui para o afastamento masculino não só da prática da dança, mas também dos processos formativos e do exercício profissional nesse campo. Como aponta Risner (2014), a presença de professoras de dança supera em quatro vezes a de professores homens, revelando um desequilíbrio estrutural.

Embora as relações entre dança e gênero tenham sido alvo de debates ao longo das últimas décadas, a produção científica que aborda especificamente masculinidade e Educação Física Escolar ainda é escassa (Almeida, 2022). Persistem desafios

¹ Doutorando em Educação na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP); Mestre em Educação; Licenciado e Bacharel em Educação Física, igor.henrique@aluno.ufop.edu.br;

² Professor orientador: Doutor em Psicologia, com pós-doutorado em Educação, Departamento de Educação da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, marcoatorres@ufop.edu.br.



pedagógicos e socioculturais que dificultam a superação dessa herança histórica e a construção de práticas mais inclusivas (Do Valle Leitão; De Souza, 1995).

A partir da análise da literatura, três eixos centrais orientam a problemática desta pesquisa: (1) as tensões que atravessam a relação entre dança, gênero e masculinidade na sociedade contemporânea (Andreoli, 2010; Stinson, 1995; Risner, 2014; Marani, 2022); (2) a (re)produção dessas tensões nos cursos de formação inicial e na atuação profissional em Educação Física (Marani, 2022; De Paiva; Gadelha; Dos Santos, 2024); e (3) o tratamento da dança nos currículos de formação docente no Brasil (Almeida, 2022; Sborquia; De Melo, 2023). Diante desse cenário, esta pesquisa tem como objetivo investigar e analisar as possíveis lógicas e argumentos que fazem parte da formação do professor de Educação Física em sua atuação profissional no âmbito escolar no ensino da dança e as suas interações entre masculinidade e heteronormatividade.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é qualitativa, exploratória e transversal, articulando levantamento bibliográfico e entrevistas semiestruturadas. O levantamento foi realizado em quatro bases acadêmicas (BDTD, Portal Capes, Google Acadêmico e Scielo), utilizando os termos: 1) “dança + masculinidade + Educação” e 2) “dança + formação de professor + Educação Física”, abrangendo publicações de 2017 a 2022. Foram identificados 374 trabalhos; após análise de títulos, resumos e palavras-chave, restaram 29 para leitura integral. Destes, seis foram excluídos, resultando em 23 publicações selecionadas.

As entrevistas semiestruturadas ocorreram com 5 professores homens de Educação Física (homossexuais/gays e heterossexuais) atuantes em diferentes níveis escolares (ensino infantil, ensino fundamental e ensino médio), em redes pública e privada. O roteiro de entrevista construído pelos pesquisadores contemplou suas formações acadêmicas, suas práticas docentes e vivências pessoais relacionadas à dança. Todas as entrevistas foram realizadas remotamente (Google Meet), gravadas, transcritas e analisadas por meio da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011).

Os critérios de inclusão envolveram formação em Licenciatura em Educação Física, atuação escolar e disponibilidade para participar. A pesquisa respeitou os princípios éticos da Resolução CNS nº 466/2012, com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Este estudo integra a uma dissertação de mestrado em Educação do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade



Federal de Ouro Preto (UFOP) vinculada ao projeto “Gênero e Sexualidades em contextos educacionais”, do Grupo de Pesquisa Caleidoscópio/UFOP, aprovado pelo Comitê de Ética (CAAE 55477621.70000.5150).

REFERENCIAL TEÓRICO

O conceito de masculinidade utilizado neste estudo é o de uma construção social multifacetada, onde diferentes formas de ser homem são performadas e valorizadas de maneiras distintas (Connell, 1995; Medrado; Lyra, 2008; Butler, 2017). Já o conceito de (cis)heteronormatividade é compreendido por regras sociais que consideraram a heterossexualidade como o padrão normativo, binário e cisgênero (Andreoli, 2010; Sales; Paraíso, 2013).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os achados desta pesquisa indicam que a resistência à presença da dança no contexto escolar, tanto de ordem institucional quanto pessoal, manifesta-se em diferentes momentos: na trajetória formativa inicial em Educação Física, no exercício profissional e também nas vivências pessoais de professores homens. Essa resistência se expressa de forma distinta conforme a orientação sexual e as experiências prévias de contato com a dança.

Verificou-se que os docentes homossexuais/gays relatam maior proximidade com a dança, tanto durante a formação acadêmica quanto em suas práticas cotidianas, assumindo postura mais engajada e planejada no ensino desse conteúdo. Já os professores heterossexuais tendem a associar a dança a ocasiões específicas, como festas juninas, ou a abordá-la de modo restrito, com menor segurança e tempo dedicado, em comparação a outras práticas corporais.

Essa discrepância evidencia a influência das normas de masculinidade (cis)heteronormativa na Educação Física, revelando que apenas uma parcela — notadamente os docentes homossexuais/gays — efetivamente leciona dança com maior apropriação. Paralelamente, emergem enfrentamentos familiares e religiosos, que, de forma explícita ou implícita, se relacionam aos enfrentamentos das questões de gênero e (re)produzem a ideia de que a dança estaria vinculada à feminilidade ou à homossexualidade (Costa; Torres, 2025).



Sob a perspectiva da teoria da performatividade de gênero (Butler, 2017), percebe-se que, para os homens, o ato de dançar ultrapassa a dimensão técnica: ele envolve a constante negociação de identidades e pertencimentos. A aceitação da presença masculina parece estar mais garantida quando associada a estilos considerados “seguros” para a heterossexualidade, como as danças folclóricas, o hip-hop e o funk (Costa; Campos, 2023). Quando tais normas são questionadas, a prática docente pode enfrentar resistência e até episódios de homofobia.

Ainda assim, a dança apresenta potencial de ruptura com a lógica (cis)heteronormativa, transformando-se em um espaço de liberdade e expressão quando rompe fronteiras binárias e permite aos corpos masculinos explorar novas formas de movimento, subjetividade e presença no mundo. Nesses contextos, deixa de ser apenas uma prática estética para se constituir como ato político e ferramenta de visibilização da diversidade de masculinidades (Medrado; Lyra, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção e permanência de professores homens de Educação Física no ensino da dança operam como atos de resistência e transformação, pois desestabilizam construções tradicionais de masculinidade (Connell, 1995; Medrado; Lyra, 2008), tensionam a performatividade heteronormativa (Butler, 2017) e confrontam os estereótipos históricos que associam a dança exclusivamente ao feminino (Andreoli, 2010) ou à homossexualidade (Stinson, 1998; Marani, 2022).

As experiências relatadas pelos participantes demonstram que ensinar dança vai além da dimensão técnica: trata-se de um campo de disputa simbólica, no qual masculinidades são negociadas, performadas e reconfiguradas (Marani, 2021). Nesse sentido, o professor homem torna-se um agente de mudança, capaz de abrir espaço para novas formas de expressão corporal e de desnaturalizar padrões hegemônicos que limitam a presença masculina nessa prática.

Esses achados reiteram a urgência de revisitar a formação inicial em Educação Física, não apenas para inserir a dança como conteúdo central da cultura corporal, mas para transformá-la em um dispositivo de inclusão, crítica e emancipação. Isso requer romper com estruturas pedagógicas que reforçam estigmas e promover um currículo que acolha a pluralidade de identidades, corpos e orientações sexuais. Portanto, esta pesquisa evidencia que a dança, quando ensinada a partir de uma perspectiva crítica e



inclusiva, pode se tornar uma ferramenta potente para ressignificar masculinidades, reduzir desigualdades de gênero e tensionar fronteiras normativas ainda presentes na escola.

Palavras-chave: Formação Acadêmica. Atuação profissional. Educação Física Escolar. Masculinidade. Dança.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGE-UFOP) pelo auxílio financeiro recebido.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. S. de M. **Masculinidades e Educação Física Escolar: análise da produção acadêmica e reflexões na direção de uma proposição didática**. 2022. 63f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Instituto de Educação Física, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

ANDREOLI, G.S. Dança, Gênero e Sexualidade: Um Olhar Cultural. **Conjectura**, Rio Grande do Sul, v. 15, n. 1, p.107-118, jan. 2010.

ARAÚJO FILHO, P. C. R.; TEIXEIRA, M. N.; ARAÚJO, H. de L. M. R. Dança, educação e gênero: concepções e reflexões nas relações escolares. **Ensino em Perspectivas**, v. 2, n. 3, p. 1-11, 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CONNELL, R. Políticas da masculinidade. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995. Disponível em:
<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71725/40671> Acesso em 19 jul. 2024.

COSTA, I. H. da; CAMPOS, P. A. F. Gênero, Dança e Cultura: As Danças de Todos, Femininas, Masculinas e Desconhecidas. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 133–157, 2023.



COSTA, I. H. da; TORRES, M. A. A prática docente de professores de educação física homens no ensino da dança na escola e os seus enfrentamentos. **Momento - Diálogos em Educação**, [S. l.], v. 34, n. 2, 2025. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/18813>. Acesso em: 19 set. 2025.

DE LEÓN, A. Tem viado no gramado dos campos de futebol? Uma proposta metodológica para analisar diferentes performances masculinas. In: MACHADO, C.; NUNES, M.; SANTIAGO, I. (orgs.). **Olhares: gênero, sexualidade e cultura**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, p. 47-72, 2011.

DE PAIVA, T. S.; GADELHA, J. G.; DOS SANTOS, A. P. Aspectos limitadores para o ensino da dança nas aulas de educação física. **Revista Contemporânea**, v. 4, n. 4, p. e3747-e3747, 2024

DO VALLE LEITÃO, F. C.; DE SOUSA, I. O homem que dança... **Motrivência**, n. 8, p. 250-259, 1995.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MARANI, V. H. **Corpo, dança e educação física: experiências subversivas de gênero e sexualidade?** 2021. 225 f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2021.

MARANI, V. H. Dança, Educação Física e heteronormatividade: enquadramentos corporais e subversões performativas. **Movimento**, v.28, 2022.

MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, p.809-840,2008.

RISNER, D. Bullying victimisation and social support of adolescent male dance students: an analysis of findings. **Research in Dance Education**, v. 15, n. 2, p. 179-201, 2014.

SALES, S. R.; PARAÍSO, M. A. O Jovem Macho e a Jovem Difícil: governo da sexualidade no currículo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.38, n.2, p.603-625, abr./jun.2013.

SBORQUIA, S. P; DE MELO, I. A. A dança no currículo de formação do profissional de Educação Física. **Pensar a Prática**, v. 26, 2023.

SOUZA JUNIOR, M. e GALVÃO, A. M. de O. História das disciplinas escolares e história da educação: algumas reflexões. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.31, n.3, p.391- 408, 2005.

STINSON, S. Reflexões sobre a dança e os meninos. **Revista Pro-posições**, v.9, n.2, p.55-61, 1998.

